



## Homens africanos, mulheres crioulas: origem e sexo dos escravos em Caçapava na primeira metade do século XIX

André do Nascimento Corrêa \*

**Resumo:** Nesse artigo, nossa proposta é analisar alguns elementos referentes aos cativos, tais como a suas origens e sexo, subsidiados estes contidos como dados qualitativos nos processos *post mortem* da vida de Caçapava. Para isso efetuamos uma análise de cunho quantitativo nos inventários da dita vila, isso para o período de 1821 a 1850. Este estudo nos possibilitou um melhor entendimento dos aspectos relacionados à escravidão no sul do Brasil, isso tendo como base a cidade de Caçapava. Foi possível visualizar o quanto esta estava espalhada na malha social do sul do Brasil, não sendo apenas uma exclusividade de grandes proprietários.

**Palavras-chave:** Origens dos escravos. Sul do Brasil.

**Abstract:** In that article, our goal is to analyze some elements regarding to the captives, such as the its origins and sex, these subsidies contained in qualitative data in the processes of post mortem the village of Caçapava. For that we carried out an analysis of a quantitative inventories of the said village, that for the period 1821-1850. This study allowed a better understanding of aspects related to slavery in the south of Brazil, that on the basis the city of Caçapava. It was possible to visualize how this was widespread in the social fabric of southern Brazil, it is not only exclusive to landowners.

**Keywords:** Origins of the slaves. South of Brazil.

### As origens escravas

A caracterização de uma população escrava passa, dentre outras coisas, pela identificação de algumas diferenças existentes entre os cativos de alguma região específica. Por exemplo, em relação às origens, pode ser apontando a quantidade de crioulos e africanos presentes em determinados plantéis. Também, torna-se possível sinalizar para um maior ou menor contato da localidade estudada com o tráfico de escravos, isso levando em conta a quantidade de africanos arrolados nos processos *post mortem*.<sup>1</sup> Por sua vez, o número de crioulos, combinado principalmente com a análise do percentual de crianças escravizadas,

---

\* Doutorando em História pelo PPG em História da UNISINOS. Bolsista Capes PROSUP.

E-mail: [andrecorreacp@gmail.com](mailto:andrecorreacp@gmail.com)

<sup>1</sup> Trabalhamos com todos os inventários de Caçapava para o período de 1821-1850, além de ser a única fonte aplicada para essa pesquisa. Parte deste texto é baseada na minha dissertação de mestrado, defendida junto ao PPG em História da UFSM.

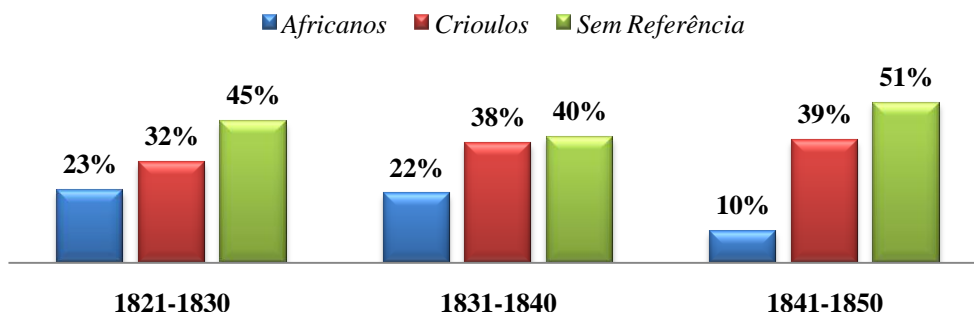


pode sinalizar para uma maior ou menor reprodução endógena. Assim, este estudo tem como finalidade apresentar algumas das características existentes nos plantéis de escravos encontrados nos processos *post mortem* da vila de Caçapava,<sup>2</sup> pois não havia nenhuma pesquisa deste cunho. Nosso objetivo aqui é apresentar apenas os elementos ligados às origens e ao sexo dos cativos. Para isso, efetuamos um estudo de cunho quantitativo nos inventários de Caçapava, fonte que permite tal metodologia pelo seu caráter em serie e reiterativo. Os anos analisados foram de 1821 a 1850, no qual encontramos mais de mil cativos arrolados nos 148 processos que continham escravos (CORRÊA, 2013).<sup>3</sup>

No gráfico 1 apontamos as porcentagens gerais das origens dos escravos divididas por década. Ali, incluímos todos os cativos arrolados nos processos. Em um segundo momento, será apresentado os dados excluindo os cativos que não tiveram declaradas as suas referências de origem. Fazendo isso, não haverá distorções na análise dos escravos com origem, e para podermos realizar as devidas comparações com outras regiões, que também apresentam dados retirando os cativos sem referência.

De fato, o que se visualiza no gráfico 1 é uma diminuição gradativa dos escravos africanos e o aumento dos crioulos. No entanto, os escravos sem referência literalmente distorcem a análise, mas tínhamos que visualizar o geral de cativos, pois somente assim teríamos uma noção da representatividade destes para a soma geral de escravos que passava dos mil cativos. Vejamos:

Gráfico 1 – Origem dos escravos inventariados por década  
(Caçapava, 1821-1850)



**Fonte:** 148 inventários *post mortem* de Caçapava, 1821-1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cível e Crime.

<sup>2</sup> Caçapava, hoje Caçapava do Sul, esta localizada no centro sul do estado do Rio Grande do Sul. Possuía uma economia modesta com base na pecuária bovina, mas isso não foi um inibidor na aquisição de escravos.

<sup>3</sup> Na análise da posse de escravos para Caçapava, encontramos 1072 escravos nos 148 processos *post mortem* que tinham os mesmos arrolados.



A presença de escravos sem referência de origem é muito alta nos três períodos analisados, não baixando dos 40%, chegando ao topo de 51% dos cativos na década de 1840, ou seja, mais da metade de todos os escravos arrolados naquela dezena. Quem sabe essas porcentagens de escravos sem referência estejam ligadas aos fatos ocorridos depois da lei de 1831 e a proximidade do ano de 1850, pois certamente circulavam informações sobre o final da escravidão. Talvez a omissão de dados nos inventários esteja diretamente ligada a estes ocorridos (MAMIGONIAN, 2011). Já na tabela 1, pode ser visualizada a quantidade e as respectivas porcentagens, estas referentes às origens dos escravos arrolados nos inventários de Caçapava, especificadas por décadas. Aqui já retiramos os cativos sem referência.

Tabela 1 – Número de escravos com origem por década (Caçapava 1821-1850)

Décadas	1820		1830		1840		Total	%
	<i>Escravos</i>	%	<i>Escravos</i>	%	<i>Escravos</i>	%		
<b>Africanos</b>	39	41%	93	37%	47	20%	179	31%
<b>Crioulos</b>	55	59%	160	63%	185	80%	400	69%
<b>Total com ref.</b>	94	100%	253	100%	232	100%	579	100%

**Fonte:** 148 inventários *post mortem* de Caçapava, 1821-1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cível e Crime. ref. = referência.

Um ponto significativo que chama atenção é o fato de uma aquisição de cativos africanos por parte de alguns senhores, isso nos faz pensar em uma economia que no mínimo dava suporte destes terem ao menos um escravo africano em seu plantel. Quem sabe isso não fosse surpresa para outras regiões, mas com base em estudo anterior, foi possível visualizar que essa região tinha sua base econômica centrada na pecuária de pequena monta, e agregada com as atividades agrícolas, que também eram de pequeno porte. Isso teoricamente não daria um suporte econômico suficiente para a aquisição de um plantel numeroso de escravos “de nação”, a não ser pelos grandes proprietários de gado *vacum*, no entanto, os africanos estavam disseminados para além dos grandes plantéis, como ocorre em outras regiões (CORRÊA, 2013; FARINATTI, 2010; MATHEUS, 2012; PINTO, 2012).



Dito isso, ao examinar a tabela 1, percebe-se com bastante clareza que, ao longo das três décadas ocorreu uma variação na composição das porcentagens entre africanos e crioulos, incidindo em uma diminuição no plantel dos africanos. Estes representavam, na década de 1820, 41% dos escravos com referência, essa porcentagem caiu para 37% na década seguinte e, desceram ainda mais na década de 1840, chegando a 20%. Média geral em porcentagem era de 31% de escravos africanos contra 69% de cativos crioulos.

É interessante que a década de 1840 apresenta uma ampliação no percentual de inventários que possuíam escravos e também um aumento na média de escravos por inventário. Ou seja, a combinação desses dois fatores permite afirmar que houve um aumento da difusão da propriedade escrava em Caçapava. Porém, nessa década, também ocorreu uma diminuição importante no número de africanos, ou seja, uma *crioulização* da população escrava presente nos inventários (CORRÊA, 2013). Isso certamente é atribuída à diminuição da aquisição de africanos, o que ocorreu também em Alegrete, nessa década (FARINATTI, 2010). Quem sabe esses números não fossem diferentes, pois existe há possibilidade de cativos africanos “mascarados” nos 51% de escravos sem referência descritos no gráfico 1.

Outro fator que também ocorreu foi, um aumento na reprodução endógena, sendo mais significativa a presença de crianças na década de 1840 do que os escravos em idades produtivas. Isso foi verificado na evolução do número de crianças ao longo das décadas (CORRÊA, 2013). Assim, combinada à redução de africanos, temos um interessante quadro onde a ampliação da propriedade escrava combina-se com a *crioulização* do plantel.

Já a redução nas porcentagens de africanos pode ser explicada, por exemplo, pelo fato de o tráfico estar sendo cada vez mais combatido. Também por uma dificuldade econômica desta localidade na manutenção de seu plantel de escravos “de nação”. Isso pode ser associado também com uma maior concorrência na compra de africanos com outras regiões que eram detentoras de um maior potencial econômico, como por exemplo, Pelotas com suas charqueadas e a pecuária de grande monta de Alegrete (BERUTE, 2006; PINTO, 2012; FARINATTI, 2010; MATHEUS, 2013).

Cruzando os dados com outras localidades que possuía características econômicas semelhantes às de Caçapava, percebe-se que em Cruz Alta a população escrava representava 33% de africanos (ARAÚJO, 2008). Já para Alegrete havia 42,4% de africanos em suas escravarias (FARINATTI, 2006). Cruz Alta e Caçapava possuíam um equilíbrio na soma de



escravos africanos, isso mostra que a envergadura econômica da pecuária regional era sim um condicionante forte da ligação com o tráfico negreiro.

Isso indica que a pecuária estava ligada à mão de obra escrava e, ao abastecimento de cativos via tráfico atlântico, mantendo as especificidades de cada região no que tange a compra de escravos. De fato, essa ligação era muito maior, era estrutural mesmo, principalmente no caso dos grandes estabelecimentos (FARINATTI, 2010). Por isso Alegrete tinha um maior percentual de escravos africanos quando comparamos com Cruz Alta e Caçapava, porque havia uma maior concentração de grandes estabelecimentos (estâncias) naquela área.

Buscando outros dados para comparação, temos o estudo referente à região do Bananal, localidade situada no Vale do Paraíba paulista, região de *plantations* de café, com uma larga presença da mão de obra cativa. Utilizando as listas nominativas, foi possível verificar que, havia para o ano de 1829, 78,2% de escravos africanos (MOTTA, 1999). Vale ressaltar que esta região tinha características diferenciadas no que tange a sua economia, das que encontramos aqui, por isso a grande quantidade de africanos. No entanto, acreditamos que é de extrema valia a busca por estes dados, isso colabora para termos uma noção um pouco mais alargada das especificidades da escravidão no Brasil.

Outra pesquisa que comparamos é a de Flávio R. Versiani e José Raimundo O. Vergolino, na qual fazem uma análise comparativa entre o Agreste e o Sertão semi árido de Pernambuco. A economia predominante nessa região era a atividade criatória. Por sua vez, estes autores, utilizando-se de inventários *post mortem* como base documental, apontaram alguns elementos referentes à escravidão para esta região de Pernambuco. No que diz respeito aos africanos, estes representavam 40,3% do total de escravos presentes nas fontes analisadas para o Agreste, já para a região do Sertão, o percentual decaiu para 34,7% (VERSIANI; VERGOLINO, 2003). Números estes do Sertão próximos aos encontrados para Caçapava. Percebe-se o quanto era estrutural a prática escravista na sociedade do século XIX e semelhante no que diz respeito as suas bases econômicas.

Para região charqueadora de Pelotas, extremo sul do Brasil, havia uma alta concentração de escravos, entre os anos de 1830 e 1840, 480 cativos, destes, 61% eram africanos (PINTO, 2012). Ou seja, os valores são muito superiores aos que encontramos para Caçapava, uma região de pequena pecuária comparada com uma pecuária inserida em uma



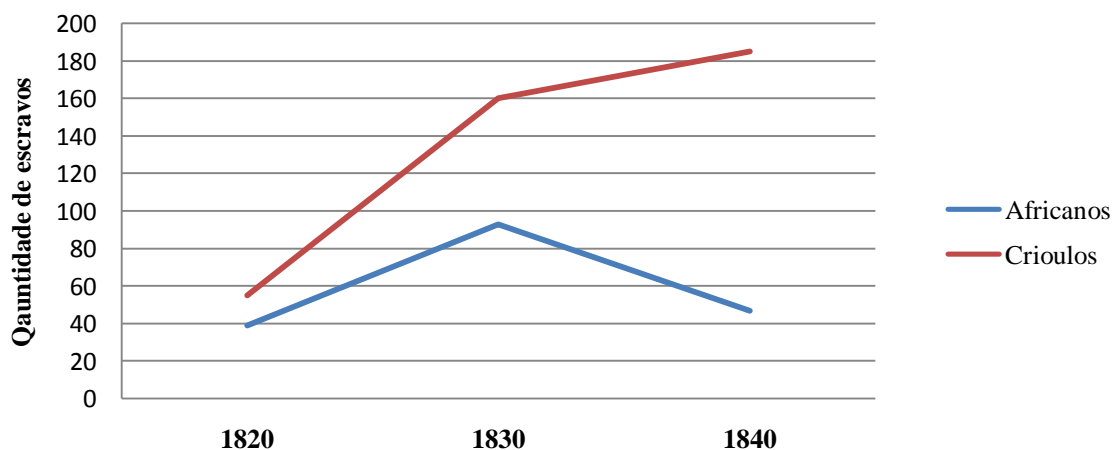
região charqueadora. Certamente a grande demanda de mão de obra, necessária para o trabalho nas charqueadas refletia também na pecuária.

De tal maneira, as localidades que comparamos nossos dados, todas tinham uma maior concentração de escravos africanos, a que mais se aproxima é a vila de Cruz Alta. No entanto, essa soma de escravos africanos não é desprezível para esta localidade, demonstra que, embora modestamente, Caçapava conseguia adquirir alguns escravos “de nação”. Além do que, isso indica uma região que fazia parte de todo um contexto, em que a norma era ter escravos associados às atividades econômicas.

Como figurou em Pelotas, por exemplo, o número de escravos africanos difere dos encontrados para Caçapava. Com análise dos dois períodos que correspondem às décadas de 1830 e 1840, e cruzando com os dados apresentados da região de Pelotas, foi possível visualizar que havia uma supremacia dos crioulos na população cativa de Caçapava, diferente da sociedade pelotense, que havia um maior número de africanos (PINTO, 2012). Ou seja, é possível visualizar o comportamento de duas regiões completamente distintas, no que tange sua economia. Mas, Pelotas assim, como Caçapava não conseguem manter um padrão na manutenção de africanos em suas escravarias. Parece-nos que, as peculiaridades econômicas de cada região influenciam até certo ponto nessa manutenção de escravos africanos.

Os dados do gráfico 2 nos ajudam a visualizar ainda melhor os números expostos na tabela 1. Percebe-se uma *crioulização* nos plantéis de cativos em Caçapava, como já havíamos mencionados anteriormente.

Gráfico 2 - Quantidade total de escravos com referência  
(Caçapava, 1821-1850 (Caçapava, 1821-1850))



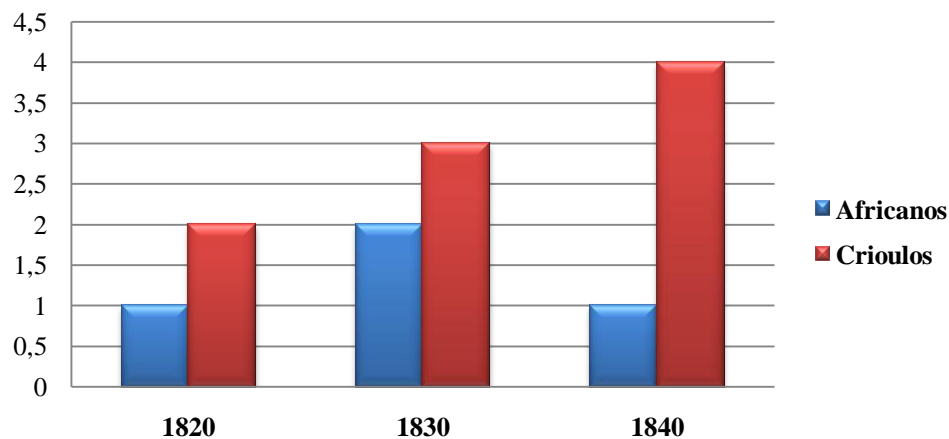
Fonte: 148 inventários *post mortem* de Caçapava, 1821-1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cível e Crime.



As linhas do gráfico 2 deixam bem claro que na década de 1820 existia uma “certa paridade” nas porcentagens entre crioulos e africanos. Assim, não havia uma gritante diferença entre estas origens. Porém, a passagem para década de 1830 e posteriormente para a de 1840, ocorreu um decréscimo nos escravos africanos e um grande aumento de crioulos. Vale lembrar que os dados que foram utilizados na confecção deste gráfico 2, são referentes ao total cativos com origem. Estes dados vão indicar um distanciamento da localidade estudada com o tráfico, como já havia mencionado antes.

Da mesma forma, utilizamos estes dados para termos as médias de escravos segundo suas origens, divididos por década, exemplificados no gráfico 3.

Gráfico 3 - Médias de escravos segundo a origem  
(Caçapava, 1821-1850)



**Fonte:** 148 inventários *post mortem* de Caçapava, 1821-1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cível e Crime.

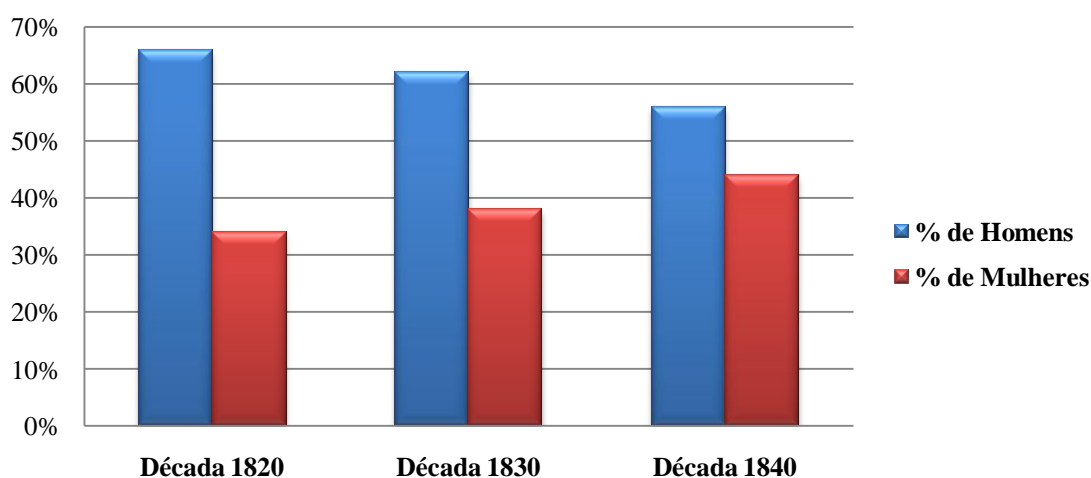
Esses dados apontam para um aumento de escravos na década de 1840. Pode ser visto que na passagem de década de 1820 as médias de escravos segundo a sua origem era a seguinte: 1 escravo africano para 2 escravos crioulos. Esses números aumentaram no período seguinte, passando para 2 africanos para 3 crioulos. Já na década de 1830, as médias de africanos caíram, voltando a ser um escravo “de nação” por inventário, em contrapartida a média dos escravos crioulos seguiu crescendo e atingiu a marca de 4 cativos por processo. Esses valores mais elevados de escravos crioulos são fruto de uma reprodução endógena, também visualizada para outras áreas (MOTTA, 1999; MATHEUS, 2012; CORRÊA, 2013).



Portanto, é interessante notar que a evolução das médias de africanos por inventário decresceu de forma parecida com as percentagens (ver gráfico 3 das médias), entendemos que houve uma importante redução na entrada de africanos nesta localidade, com isso a diminuição proporcional não se deve apenas ao aumento de crioulos.

Infelizmente os inventários não continham as especificidades necessárias para todos os cativos serem identificados quanto a sua origem. Mas, por outro lado, podemos dizer com certeza a quantidade de mulheres e homens, bem como a relação da masculinidade presente nessa população escrava de Caçapava. Dito isso, passamos para uma análise dos elementos presentes no gráfico 4 estes referentes as percentagens que apontam a quantidade de escravos do sexo masculino e feminino. Com isso, além de termos uma noção do tamanho do plantel cativo para cada década, também temos elementos que apontam a variabilidade das percentagens ao longo do tempo. No gráfico 4 deixamos isso bem evidenciado.

Gráfico 4 - Percentagem de homens e mulheres escravos (Caçapava 1821-1850)



**Fonte:** 148 inventários *post mortem* de Caçapava, 1821-1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cível e Crime.

Ao analisar as informações alusivas a quantidade de escravos homens, percebe-se que os valores nunca baixaram dos 50% em cada década, sendo que, na década de 1820, os valores em porcentagem atingiram 66%. Estes valores caíram no momento seguinte, chegando a 62%. Por fim, na dezena de 1840 as percentagens que alcançaram 56% dos escravos eram indicadores do sexo masculino.

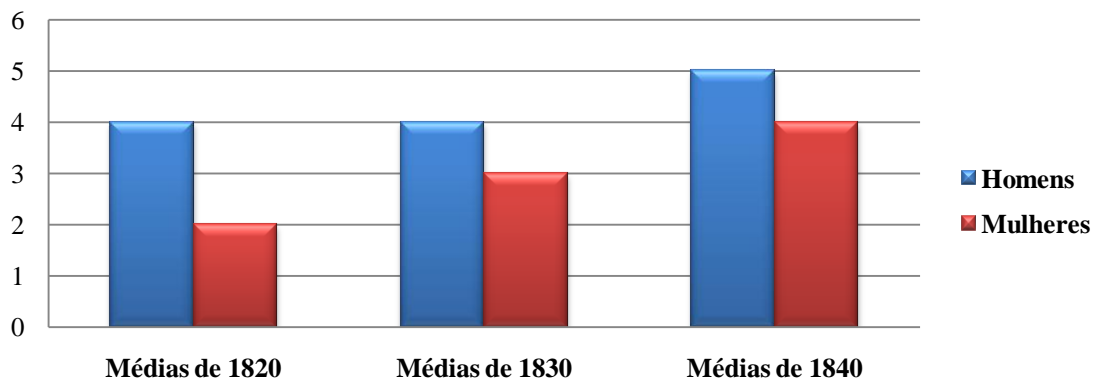




Nos três momentos analisados foi possível perceber uma maior presença de cativos do sexo masculino, nenhuma novidade para os trabalhos referentes à escravidão, apenas confirmando o que uma historiografia já vem mostrando para as regiões onde o abastecimento através do tráfico africano tinha alguma importância (BERUTE, 2006). E isso é visível nas duas primeiras décadas, tendendo ao equilíbrio no período de 1840. Assim, a quantidade de mulheres aumentou significativamente, mas, nunca superou o plantel masculino em nenhum das três décadas aqui analisadas. Vejamos os gráficos 4 e o 5 a seguir, estes deixam mais claro estes números.

No gráfico 5 temos as médias de escravos segundo o sexo por inventário e por década, com estes dados podemos afirmar que a média de homens nas três décadas é superior a das mulheres.

Gráfico 5 - Médias de escravos por inventário segundo o sexo (Caçapava, 1821-1850)



**Fonte:** 148 inventários *post mortem* de Caçapava, 1821-1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cível e Crime.

Mais uma vez os dados nos apontam para a década de 1840 com maior número de escravos, conseqüentemente as suas médias também foram mais elevadas. Como percebe-se no gráfico 5, a média de homens sempre foi superior a das mulheres, nunca baixando de quatro escravos, e atingindo o máximo de cinco cativos do sexo masculino. As mulheres por sua vez, tiveram um aumento gradativo de suas médias no decorrer das décadas. O elemento central para analisar esses dados é o tráfico de cativos, pois a quantidade superior de homens sempre foi uma necessidade das localidades. Conforme o tráfico vai diminuindo sua intensidade, a paridade entre os sexos tende a ser semelhante, isso está bem visível no gráfico 3.



Uma superioridade numérica da população escrava do sexo masculino foi, também, visualizada em outras regiões. Em Alegrete, por exemplo, existia um grande desequilíbrio na relação do sexo dos cativos, havendo uma maior predominância de homens, com uma proporção de 36% de mulheres escravas em todo o período estudado, que vai de 1831 a 1850(FARINATTI, 2010).

Segundo Natália Pinto, em Pelotas, a quantidade dos escravos e sua distribuição segundo o sexo era a seguinte;

665 eram escravos africanos, sendo que 75,5% eram homens e 24,5% mulheres, apresentando uma razão de masculinidade ou de sexo de 307,97%(sic). Por sua vez, em relação aos crioulos foram constatados 477 cativos, sendo - 57,02% homens e 42,98% mulheres, tendo uma taxa de masculinidade em torno de 132,58% (sic). Os números apontam que a comunidade africana escrava em Pelotas tinha, como era de se esperar, um maior número de homens, que certamente era um empecilho na formação familiar desses indivíduos (2012. p. 61).

Para região de Cruz Alta no período de 1834-1849, a distribuição de escravos segundo o sexo foi caracterizada da seguinte forma, os homens representavam 54% da população escrava, logo as mulheres escravas representavam 46% (ARÚJO, 2008). Os dados apresentados para região de São Borja mostram que havia 58% de homens e 42% de mulheres (FONTELLA, 2013). Percebe-se que há um grande equilíbrio nesses valores, reafirmando ainda mais a força que o tráfico tinha nessas localidades.

Os dados da tabela 2 são referentes às médias de escravos africanos em diferentes localidades do Brasil. Com essa análise fica visível a base econômica de cada região, com a quantidade de africanos que eram utilizados como mão de obra. Para Caçapava, por se tratar de uma economia de pequeno e médio porte e tendo uma agricultura de abastecimento, a porcentagem de escravos africanos pode ser considerada relevante. Além disso, fica implícita a grande maioria de escravos crioulos desta localidade, como também pode ser diagnosticado para outras regiões, com a exceção de Pelotas, que possuía mais de 50% de suas escravarias com escravos com cativos “de nação”, como apresentamos na tabela a seguir.

Tabela 2 – Porcentagem de escravos africanos nas diferentes localidades

<b>Localidade</b>	<b>% africanos sobre população total de escravos</b>	<b>Base econômica da localidade</b>
-------------------	--	-------------------------------------



<b>Caçapava</b>	31%	Pecuária de pequeno e médio porte e agricultura de abastecimento.
<b>Cruz Alta</b>	33%	Pecuária de pequeno e médio porte e agricultura de abastecimento
<b>Alegrete</b>	42,4%	Pecuária de grande porte.
<b>Pelotas</b>	61%	Charqueadas
<b>São Borja</b>	28%	Pecuária de pequeno e médio porte e agricultura de abastecimento
<b>Sertão de Pernambuco</b>	34,7%	Pecuária de pequeno e médio porte e agricultura.

**Fonte:** (VERSIANI; VERGOLINO 2003; ARAÚJO, 2008; FARINATTI, 2006; PINTO, 2012; FONTELLA, 2013). 148 inventários *post mortem* de Caçapava, 1821-1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cível e Crime.

Compreende-se que há uma grande semelhança, principalmente nas regiões que possuíam uma economia semelhante, e que este fator econômico foi decisivo na formação dos plantéis de escravos africanos para cada localidade apresentada na tabela.

No geral da amostra de inventários trabalhada para Caçapava, esta apresenta um total de 640 homens, isso representava 60%. Por sua vez as mulheres escravas eram 432, representado 40% dessa população cativa. Já a razão de masculinidade (número de homens para 100 mulheres), entre os cativos era de 148. O exame desses dados nos sinaliza para uma hipótese geral, aqui, de uma presença não desprezível de africanos que chegava a 31% como pode ser visto na tabela 2.

Dito isso, na tabela 3 apresentamos os índices de masculinidade e africanidade da população escrava de Caçapava, analisados em conjunto.

Tabela 3 – Africanidade e masculinidade, por naturalidade em Caçapava, 1821-1850

	<i>Número</i>	<i>%</i>	<i>Taxa de Masculinidade</i>
<b><i>Africanos</i></b>	179	31%	289
<b><i>Crioulos</i></b>	400	69%	96
<b><i>Total c/ ref.</i></b>	579	100%	148

**Fonte:** 148 inventários *post mortem* de Caçapava, 1821-1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cível e Crime. Total c/ ref.= Total com referencia.

A alta taxa de masculinidade entre os africanos não é uma exclusividade de Caçapava sendo, ao contrário, uma característica estrutural do tráfico atlântico. Havia poucos escravos africanos na localidade, o total como verificamos na tabela 3 era de 179 escravos “de nação”. Destes, 133 eram homens e 46 mulheres, daí a masculinidade entre os mesmo chegando a 289



ou 74%, de fato os compradores preferiam escravos homens, isso era tanto mais marcante em uma região de predominância pecuária (FARINATTI, 2010). Para região do Bananal, no Vale do Paraíba cafeeiro, no ano de 1829, a masculinidade entre os africanos de 282,2 (MOTTA,1999). A relação da masculinidade da população crioula foi apontada por Motta sendo, 98,8 ou 49,7%. E a razão da masculinidade total do Bananal foi de 218,6 ou 68,6%. Assim, parece haver uma constante na alta razão de masculinidade entre os africanos, mesmo em regiões com diferentes destinações econômicas, como era o caso da *plantation* e da pequena pecuária. A diferença na razão geral de masculinidade, maior no primeiro caso, era causado por uma maior presença de africanos nas áreas de economia mais dinâmicas.

A razão de masculinidade era de 96 ou 49% entre os escravos crioulos de Caçapava, isso aponta um equilíbrio entre os sexos, com leve presença superioridade das mulheres em relação aos homens nessa população. A taxa de masculinidade total dos escravos era de 148, o que reforça o que colocamos anteriormente, que esta localidade tinha uma maior presença de escravos do sexo masculino, isso tendo como base os processos *post mortem*, para o recorte de 1821-1850. Assim, ainda que a presença de africanos não fosse majoritária, ela alcançava quês 1/3 da população escravizada em Caçapava e sua alta taxa de masculinidade era suficiente para virar a balança em favor da presença masculina na soma geral da população cativa da localidade.

### **Senhores de Escravos e o Tamanho de seus Plantéis Segundo Sexo**

Já verificamos alguns elementos da população escrava de Caçapava, estes por sua vez, nos deram indicativos de como esta era formada. Por exemplo, já apontamos as taxas de masculinidade entres os cativos tanto africanos quanto crioulos, como também a taxa africanidade da população cativa em geral. Ainda observamos as porcentagens de homens e mulheres ao longo do tempo. No entanto, ainda não averiguamos a relação entre a distribuição desta população escrava segundo o sexo entre os diferentes tamanhos dos plantéis. Assim sendo, observamos na tabela 4a seguir alguns destes elementos.



Tabela 4–Distribuição de proprietário, escravos homens e mulheres por tamanho de plantel em Caçapava, (1821-1850)

FTP	P	%	EH	%	EM	%
<b>1 a 5</b> <b>Escravos</b>	72	55%	116	61%	74	39%
<b>6 a 9</b> <b>Escravos</b>	27	20%	101	50%	101	50%
<b>10 a 20</b> <b>escravos</b>	22	18%	187	62%	113	38%
<b>Mais de 20</b> <b>Escravos</b>	9	7%	236	62%	144	38%

**Fonte:** 148 inventários *post mortem* de Caçapava, 1821-1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cível e Crime. FTP = Faixa do Tamanho dos Plantéis; P= Proprietários; EH= Escravos Homens; EM = Escravas Mulheres.

Em uma primeira análise na tabela 4, percebe-se que, exceto a faixa que possui de 6 a 9 cativos, todas as outras faixas de tamanho de plantel, tiveram suas porcentagens com uma maior quantidade de homens, sempre sendo superiores a 60%. Encontramos para faixa de 1 a 5 cativos uma superioridade masculina de 61%, já a faixa de 10 a 20 escravos apontava para uma supremacia de homens que chegava a 62%. Por fim a última faixa, em que eram representados os senhores que possuíam mais de 20 cativos, a quantidade de homens chegava a 62%. Assim, a exceção foi a faixa com 6 a 9 escravos, nesta havia uma proporção de mulheres superiores as demais faixas, pois estas representavam 24% do plantel feminino. Porém o que ocorreu foi uma baixa no plantel masculino nesse recorte, isso proporcionou uma paridade de 50% de homens e 50% de mulheres para dita faixa. Assim, tendo como base as distintas faixas da tabela 4 podemos dizer que havia uma supremacia dos escravos do sexo masculino, e esta chegava a uma média de 60%.

A quantidade de homens escravos em Pelotas, sempre foi superior ao de mulheres escravas, isso tendo em vista as distintas faixas de tamanho de plantel. As porcentagens para Pelotas sempre foram superiores a 55% de homens em todas as (FTP). Os maiores escravistas chegaram a ter mais 73% de homens em suas senzalas (PINTO, 2012). Já para a região do Bananal no ano de 1829, a quantidade de homens sempre foi superior a 66%, chegando a atingir 74% de escravos do sexo masculino em um dos estratos de tamanho de faixa de plantel (MOTTA, 1999). Para Caçapava verificamos que as porcentagens não atingem patamares tão elevados, embora houvesse certa disparidade entre as diferentes faixas de tamanho de plantel.



Embora tenha uma maior predominância de proprietários de escravos na faixa de 1 a 5, na qual estes representavam 55%. No entanto, este estrato tinha pouco mais de 1/3 dos escravos arrolados. Por outro lado, a maior parte dos cativos estava concentrada nos nove senhores de escravos, que representavam 7% em nossa análise. Estes proprietários de escravos eram detentores de 37% dos cativos do sexo masculino e 33% das mulheres escravas, isso representa uma soma de 380 escravos, igual 35%. Havia 80 cativos a mais na faixa dos que tinham mais de vinte escravos em relação à faixa que possuía de 10 a 20 cativos. Havia um padrão quase idêntico entre os sexos nas distintas faixas de tamanho de plantel, apenas em um caso ocorreu à igualdade entre os sexos. Uma hipótese para esse fato, talvez esteja na modéstia da economia desta localidade, assim, não teria uma envergadura para buscar uma grande quantidade de escravos do sexo masculino, principalmente africanos. O tráfico é a principal chave de entendimento nas oscilações verificadas na população escrava de Caçapava. Além dessa questão de uma dificuldade de buscar escravos no mercado, a guerra dos Farrapos pode ser outro fator explicativo para esse “quase equilíbrio” entre os sexos, quem sabe alguns escravos homens desta localidade tenha feito parte de tropas e morrido, de tal forma não entraram na avaliação.

No entanto, estes elementos anteriormente citados, que certamente dificultaram com que certos senhores adquirissem uma gama maior de cativos não foi um grande empecilho para que certo grupo tivesse uma ampla concentração de escravos. Isso é visualizado na esfera dos senhores de escravos que tinham mais de 20 cativos, esse seletivo grupo conseguiu sempre manter médias semelhantes no decorrer das décadas, como pode ser visto na tabela 4.

Foi possível perceber que este acréscimo não se dava em apenas uma das faixas, mas sim em um todo. Claro, não podemos deixar considerar, por exemplo, a ampliação dos plantéis da faixa dos que tinham mais de 20 escravos, principalmente na passagem da década de 1820 para a década de 1830.

De tal modo, nesse mesmo raciocínio em que apresentamos o aumento do plantel, agora verificaremos nas distintas faixas a presença de escravos segundo as suas origens, tanto africanos quanto crioulos e a relação segundo o sexo dos mesmos. Na tabela 5, expomos os dados referentes ao universo dos cativos tendo como ponto de partida a origem e o sexo.



Tabela 5– Distribuição dos escravos homens e mulheres segundo o tamanho de plantel, (Caçapava 1821-1850)

FTP	P	Escravos Crioulos		Escravos Africanos		Escravos S/R		Total
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
<b>1 a 5</b>	72	17%	16%	16%	4%	29%	18%	100%
<b>6 a 9</b>	27	22%	32%	11%	7%	18%	10%	100%
<b>10 a 20</b>	22	19%	21%	10%	3%	31%	16%	100%
<b>Mais de 20</b>	9	17%	13%	14%	4%	31%	21%	100%

**Fonte:** 148 inventários *post mortem* de Caçapava, 1821-1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cível e Crime. FTP = Faixa do Tamanho dos Plantéis.

À primeira vista, as faixas de tamanho de plantel indicam uma relativa paridade entre os escravos com referência. No que se refere aos escravos crioulos girava entre 17% a 22% de homens e 13% a 32% de mulheres. A diferença na presença de cativos “de nação” entre as diferentes FTP girava entre 10 a 16% entre os escravos e de 3% a 7% para as escravas africanas. O que se refere aos cativos sem referência declarada visualiza-se que, entre as FTP estes oscilavam entre 18% a 31% entre os homens, e de 10% a 21% para as escravas mulheres sem referência.

Na primeira faixa 20% dos escravos eram africanos, sendo 16% de homens e 4% de mulheres. Este recorte mais aproximado nos revela uma configuração que chama bastante a atenção, pois uma parte dos pequenos proprietários de Caçapava também tinha acesso à mão de obra de escravos africanos. As cativas africanas não tiveram, em nenhuma das faixas, porcentagens superiores a 7%, o que demonstra uma busca diminuta por estas cativas.

Na segunda faixa de tamanho de plantel, em que temos de 6 a 9 escravos a quantidade de cativos africanos homens caiu, chegando a 11%, já as mulheres aumentaram para 7%. No estrato seguinte, de 10 a 20 escravos, neste encontramos 13% de africanos e 3% era a representatividade das mulheres africanas cativas. Por fim, o estrato que continha mais de 20 escravos às porcentagens de homens africanos ficou em 14% e as mulheres africanas em 4%. Percebe-se a importância dos cativos africanos, embora suas porcentagens fossem as mais baixas em algumas faixas, a sua representatividade é fundamental para o entendimento da economia de vila de Caçapava, pois esta consegue manter um número razoável de



africanos. De fato, isso é interessante, mostra que a proporção de homens africanos era semelhante em todas as faixas. Assim, revela a importância da entrada de cativos via tráfico, e que estes, estavam distribuídos entre os vários estratos de senhores e não se restringia aos mais abastados.

No que tange à presença de escravos crioulos, estes em todas as faixas de tamanho de plantel tiveram sempre as suas porcentagem superiores aos cativos “de nação”, e em alguns estratos também tiveram maior representatividade em termos de percentual do que os escravos sem referência.

No primeiro estrato de 1 a 5 escravos da tabela, os crioulos estavam representados da seguinte forma, havia 17% de homens e 16% de mulheres, praticamente porcentagens iguais. Na segunda faixa, em que as escravarias variavam de 6 a 9 cativos, havia 22% de homens contra 32% de mulheres, uma diferença de 10% a mais de escravas. Já no estrato entre 10 e 20 escravos, 19% dos cativos eram homens e 21% mulheres, mais uma vez o índice de escravas foi maior. No geral, havia mais homens nessa faixa de 10 a 20 cativos, pois apenas as escravas crioulas e que superaram o número de homens. Na última faixa, em que estavam as maiores escravarias, visualizamos a seguinte configuração, havia 17% de escravos homens e 13% de cativas mulheres.

Por fim, as porcentagens de escravos sem referência das diferentes faixas ficaram da seguinte forma, havia no primeiro estrato de 1 a 5 cativos, 29% de homens e 18% de mulheres. Na segunda faixa de 6 a 9 cativos, esses valores caíram para 18% de homens e 10% de mulheres. Já no estrato de 10 a 20 escravos 31% dos cativos eram homens e 18% mulheres. Na faixa das escravarias que tinham para mais de 20 cativos, a representação destes era de 31% de escravos para 21% de escravas. Em todas as faixas uma quantidade maior de homens.

Estas porcentagens nos ajudam a entender a diversidade quanto às origens e dos escravos que não tinham a mesma declarada para cada faixa de plantel. Porém, não podemos fazer um cruzamento analítico direto entre as mesmas, pois são estratos distintos, com unidades produtivas diversificadas, com uma maior utilização da mão de obra escrava e outras com menos. Isso sinaliza para uma aproximação com o tráfico do atlântico de algumas unidades produtivas. Também ficam bem visíveis as estruturas domésticas que mesclavam o trabalho familiar com a mão de obra escrava, por exemplo, a faixa que continha de 1 a 5





escravos para ter essas porcentagens não tão distantes das demais tinha uma maior quantidade de produtores, e estes deveriam mesclar membros da família na produção.

Fazendo uma média de africanos para cada faixa de plantel, verificamos que a de 1 a 5 possuía uma média de escravos africanos de 0,41. Para faixa seguinte os de 6 a 9 cativos tiveram uma média de 0,85 africanos. A penúltima faixa de tamanho de plantel de 10 a 20 escravos, observamos que estes tinham uma média de africanos igual a 1.36. Já para a faixa de mais de 20 escravos, esta possuía uma média de 5,7 cativos. Fica evidente que há uma grande disparidade econômica entre os senhores, e o número médio de africanos nos plantéis de cada faixa nos ajuda a entender isso.

As unidades produtivas com uma maior envergadura econômica, com base na produção da pecuária, também eram detentoras das maiores escravarias, esse fator econômico com certeza favorecia estes senhores na hora de adquirir mais cativos “de nação”. Esse é outro aspecto que demonstra como essas unidades produtivas parecem realmente ter lógicas econômicas diversas.

Essas médias nos ajudam a perceber que não se podem equiparar-se os percentuais de presença africana, nas diferentes FTP, de modo direto. A primeira faixa seria representada por muitos produtores sem escravos africanos e por alguns produtores com um cativo africano, possivelmente homem, mais uma mulher crioula e uma criança crioula. A última, por escravarias com mais de 20 cativos, onde o número de africanos rondava os 6 escravos, sendo acima da média geral. Ou seja, apesar dos percentuais serem semelhantes, a primeira parece indicar uma lógica em que a compra de escravos no mercado e a reprodução endógena se combinam para forjar uma força de trabalho auxiliar a família senhorial. Já a segunda, aponta para unidades produtivas provavelmente mais ligadas ao mercado interno, dedicadas à produção agrária em larga escala, com reiterado ingresso de cativos via tráfico atlântico. Estes dois perfis de estrutura agrária de pequena e de larga escala foram visualizados na documentação analisada.

As mulheres escravas africanas por sua vez, assim como os cativos africanos, nunca tiveram superioridade numérica quando comparados com os escravos crioulos. Esta desvantagem ainda é mais acentuada entre as mulheres. Aqui, visualizamos que em nenhuma das faixas as escravas africanas chegaram a somar a metade do total de escravas de cada recorte. O total de africanas era de 45 escravas, para 209 crioulas, respectivamente isso representa um universo feminino de 18 e 82%. Essa grande disparidade em termos



percentuais, pode ser explicada pelo fato de haver uma busca maior de escravos africanos do sexo masculino, pois estes teriam a preferência dos senhores para serem usados no trabalho.

### **Palavras finais**

Com a análise das origens e do sexo dos cativos, conseguimos perceber dentre outras coisas, uma diminuição no número de escravos africanos, isso diretamente influenciado pelo tráfico. Certamente esta localidade também não teve suporte econômico para manter os níveis de importação de mão de obra “de nação”. Em virtude disso, o que visualizou-se no decorrer dos anos aqui estudados foi uma *crioulização* dos plantéis, isso ligado a baixa da entrada de africanos e de uma reprodução endógena. O quanto à economia de cada região tinha peso na manutenção do seu plantel de escravos africanos é um estudo que deve ser feito, como em Caçapava, Pelotas também sofreu uma queda nos escravos africanos em seus plantéis.

Verificamos também a semelhança dos padrões estruturais referentes à população cativa e sua distribuição entre Caçapava e regiões que tinham perfil agrário semelhante, como Cruz Alta, no norte da província do Rio Grande do Sul, e o Agreste pernambucano. Em menor grau, semelhanças também foram encontradas com regiões de pecuária de maior escala (Alegrete) ou ainda mais modestas que Caçapava (Sertão de Pernambuco). Esses fatores reforçam a conexão entre o trabalho escravo e a pecuária, reiterando a percepção de que esse tipo de mão de obra ocupava posição estrutural e não fortuito ou ocasional nas atividades pecuárias destinadas ao mercado interno brasileiro.

De fato, os inventários serviram para a proposta de análise que escolhemos, acreditamos que muito ainda pode ser pesquisado nessa região e no mesmo recorte temporal, claro que com a empregabilidade de uma gama maior de fontes e se utilizando quem sabe, do método de redução da escala de análise. Assim, certamente teremos um aprofundamento nas análises e avançaremos no entendimento do mundo agrário escravista do século XIX no sul do Brasil.

### **Referências**

ARAÚJO, Thiago Leitão de. **Escravidão, fronteira e liberdade:** políticas de domínio, trabalho e luta em um contexto produtivo agropecuário (vila de Cruz Alta, província do Rio grande do Sul, 1834-1884). Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2008.



BERUTE, Gabriel do Santos. **Dos escravos que partem para os portos do sul:** características do tráfico negreiro do Rio Grande de São Pedro do Sul, c. 1790- c. 1825. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2006.

CORRÊA, André Nascimento do. **Roceiros, campeiros e domadores:** o ofício do trabalho escravo na Vila de Caçapava (1831-1839). Revista Latino-Americana de História. Vol. 1, nº. 3. São Leopoldo. Março de 2012. Edição Especial – Lugares da História do Trabalho.

\_\_\_\_\_. **Ao Sul do Brasil Oitocentista:** escravidão e estrutura agrária em Caçapava, 1821-1850. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Santa Maria, RS, 2013.

FARINATTI, Luís A. **Sobre as Cinzas da Mata Virgem:** Lavradores Nacionais na Província do Rio Grande do Sul (Santa Maria, 1845-1880). Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 1999.

\_\_\_\_\_. **Confins Meridionais:** famílias de elite e sociedade agrária na fronteira sul do Brasil (1825-1865). Editora UFSM. Santa Maria, 2010.

\_\_\_\_\_. **Escravidão e pecuária na fronteira sul do Brasil:** primeiras notas de pesquisa (Alegrete, 1831-1850). Anais do II Encontro de Pós-Graduação em História Econômica da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica, Niterói: (ABPHE), CD-ROM, 2004.

\_\_\_\_\_. **Escravos nas estâncias e nos campos:** escravidão e trabalho na Campanha Rio-grandense (1831-1870). CD-ROM [do] VI Congresso Brasileiro de História Econômica. Conservatória (RJ): 2005.

\_\_\_\_\_. **Escravos do Pastoreio:** Pecuária e escravidão na fronteira meridional do Brasil (Alegrete, 1831-1850). Revista Ciência e Ambiente, n. 33 (jul/dez, 2006) Santa Maria: UFSM, 2006.

FONTELLA, Leandro Goya. **Sobre as Ruínas dos Sete Povos:** estrutura produtiva, escravidão e distintos modos de trabalho no Espaço Oriental Missionário (Vila de São Borja, Rio Grande de São Pedro, 1828 – 1858). Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2013.

FRAGOSO, João. PITZER, Renato. **Barões, Homens Livres Pobres e Escravos:** Nota sobre uma fonte múltipla – inventário *post-mortem*. In.: Revista Arrabalde. Ano I, nº2, set/dez. 1988.

MAMIGONIAN, Beatriz G. **A proibição do tráfico atlântico e a manutenção da escravidão.** In.: **O Brasil Imperial:** volume I – 1808-1831. Org.: GRIMBERG, Keila e SALLES, Ricardo. 2ªed. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2011.

MATHEUS, Marcelo S. **Fronteiras da Liberdade:** escravidão, hierarquia social e alforrias no extremo sul do Império do Brasil. São Leopoldo: Oikos, Editora Unisinos, 2012.



\_\_\_\_\_. **Escravidão, pecuária e liberdade:** o *Livro de classificação de escravos* (Alegrete, década de 1870). *Revista de História Unisinos* v.17, n.1 Janeiro/Abril. São Leopoldo, 2013. pp. 24-36.

MOREIRA, Paulo Staudt. **Justiçando O Cativo:** A cultura de resistência escrava. In: PICCOLO, Helga; PADOIN, Maria Medianeira. (dir.) **Império** (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul) vol. II. Passo Fundo; Méritos, 2006.

MOTTA, José F. **Corpos Escravos Vontades Livres:** posse de cativos e família escrava em Bananal (1801-1829). São Paulo: Annablume, 1999.

PINTO, Natália. **A Benção Compadre:** Experiências de parentesco, escravidão e liberdade em Pelotas, 1830/1850. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História São Leopoldo, 2012. (Dissertação de Mestrado).

VERSIANI, Flávio Rabelo & VERGOLINO, José Raimundo Oliveira. **Posse de Escravos e Estrutura da Riqueza no Agreste e Sertão de Pernambuco:** 1777 – 1887. *Est. Econ.*, São Paulo, V.33, Nº2. P. 353 – 393. Abril – Junho 2003.

#### **Fontes primárias:**

Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), Inventários *post-mortem* do município de Caçapava do Sul, do período de 1821 a 1850.

*Recebido em 30 de Setembro de 2013.*

*Aprovado em 28 de Dezembro de 2013.*